

Agronegócio

Silvicultura cresce nos Vales do Rio Pardo e do Taquari

Pequenos produtores criam novas áreas de eucalipto em meio ao cultivo do tabaco

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

Se a produção de tabaco movimentava a economia da Região dos Vales, associada a ela está a plantação de eucaliptos e acácia negra, buscando a geração de energia para a própria atividade fumageira. Afinal, o processo da cura do tabaco do tipo Virgínia exige a secagem em estufas de lenha, com temperatura e umidade controladas. Mas, além da autossuficiência energética, os pequenos produtores têm utilizado os excedentes para complementação de renda.

A Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra) iniciou há cerca de 40 anos um programa para incentivar os produtores de tabaco a realizarem o plantio florestal para obterem sua própria madeira. Aliado a isso, somam-se iniciativas do Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco (Sinditabaco), que começaram em meados de 1970.

“Isso é algo que os produtores de tabaco procuraram, porque também é uma forma de garantir a continuidade da atividade, não dependendo do mercado, por exemplo. E também para poder contar com madeira quando precisar. Começou a se aculturar. Veja, são 40 anos dessa história, e isso só foi se aprimorando ao longo dos anos”, avalia o gerente de Produção Agroflorestal da Afubra, Juarez Pedroso.

Dessa forma, hoje, a cobertura vegetal média dos produtores de tabaco é superior à do



ARQUIVO AFUBRA/DIVULGAÇÃO/JC

Afubra tem projetos para incentivar plantio de eucaliptos há décadas

RS. Enquanto os agricultores possuem florestas em 27% do solo, o Estado tem a média de 15%, conforme apresentou o presidente do Sinditabaco, Valmor Thesing, durante o evento do Mapa Econômico do RS realizado pelo Jornal do Comércio, em Lajeado, no dia 10 de julho.

Os programas, inicialmente, forneciam mudas e informações para o melhor plantio das espécies. Hoje, melhorias genéticas estão associadas, tornando as árvores mais adequadas para seus objetivos: geração de energia e abastecimento de indústrias e serrarias. “Os clones entraram nesse universo com o melhoramento genético das espécies, entregando mais produtividade e uniformidade na floresta”, acrescenta Pedroso.

Além da necessidade de autossuficiência energética, produtores de outras culturas têm apostado no cultivo de eucalipto ou de acácia negra em áreas não utilizadas para plantio agrícola. Parte disso, pode ser explicado pelas características geográficas das regiões, localizadas ao

centro do Estado e contando com relevos acidentados.

A isso, soma-se a redução das famílias de pequenos agricultores, que, consequentemente, possuem menos mão de obra e diminuem as áreas plantadas nas propriedades. “Eles começam a concentrar suas ações nas lavouras principais e para o resto da área não têm perna. Aí vai virando capoeira, que é o estágio inicial de regeneração. Quando chega no estágio médio, a área não pode mais ser reconvertida e o produtor acaba literalmente perdendo ela”, explica o professor Jorge Farias, vinculado ao programa de pós-graduação em Engenharia Florestal da Universidade Federal de Santa Maria.

Maiores áreas plantadas na faixa central do RS

- Encruzilhada do Sul
- Cachoeira do Sul
- Pantano Grande
- Taquari
- Cacequi

Zoneamento Ambiental da Silvicultura é atualizado

O Conselho Estadual do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul (Consema) aprovou no dia 10 de julho uma atualização no Zoneamento Ambiental da Silvicultura (ZAS), que regula os plantios florestais para fins comerciais no Estado. Assim, foi quadruplicada a quantidade de hectares de plantio permitidas para cada unidade de paisagem

natural por bacia hidrográfica.

Os critérios levam em consideração o solo, a vegetação, a fauna e a disponibilidade de água. Além disso, o Zoneamento passou a objetivar a garantia de que os plantios não interrompam os corredores ecológicos — áreas naturais que permitem o deslocamento de animais e a troca genética entre espécies.

A mudança foi comemorada pela Associação Gaúcha de Produtores de Florestas Plantadas (Agaflor). “O RS era, se não o único, um dos poucos estados que ainda tinha um zonamento tão restritivo”, afirmou o presidente da Agaflor, Mathias Almeida. Ele estima que o cultivo possa crescer entre 200 e 300 mil hectares na faixa central do Estado.

Agricultura familiar abastece com madeira as indústrias na região

Como forma de reverter a perda de áreas, o professor Jorge Farias, da UFSM, defende uma economia agroflorestal, associando atividades agropecuárias à silvicultura voltada ao abastecimento de empresas. Principalmente, ao considerar que o plantio de árvores para extração de madeira exige menos mão de obra.

Entre as empresas que já aderiram a esse circuito econômico está a Haas Madeiras, de Venâncio Aires, no Vale do Rio Pardo. Segundo o diretor da empresa, Junior Haas, a maior parte da matéria-prima utilizada pela madeireira é oriunda de pequenos produtores associados, a partir de um programa de fomento florestal que já está funcionando há cinco anos. Hoje, são pelo menos 200 famílias que contribuem com a oferta de eucaliptos e é possível que o número se expanda para até 2 mil famílias.

“Estamos vendo uma

sistemática bastante interessante na região, que é o desenvolvimento de um hub florestal baseado em oferta e demanda, que eu entendo que é o modelo mais favorável do ponto de vista socioeconômico, porque o mercado se autorregula de forma saudável. É diferente do que acontece com empresas grandes que possuem um poder econômico muito grande e geram uma dependência”, avalia Haas.

Por outro lado, há a presença da Dexco, que possui uma unidade florestal em Taquari, no Vale homônimo, e que conta com abastecimento de pequenos produtores de madeira da Região.

“É uma empresa verticalizada associada à Ageflor e que mostra que é possível, sim, termos hoje um programa de fomento integrando agricultura familiar a grandes projetos industriais”, comenta o professor Farias.

Cultivo de canola ganha impulso com biocomustíveis

A canola torna-se o destaque da safra de inverno no Rio Grande do Sul, conforme os levantamentos da Emater-RS. Em todo o Estado, a área a ser cultivada deve ser de 203,2 mil hectares — 37,41% a mais do que na safra anterior — e a perspectiva de produtividade quase 70% superior. A faixa central do Estado, de acordo com a entidade, deve concentrar 22% dessa área produtiva. É a terceira maior região produtiva da canola no Rio Grande do Sul, com 45,4 mil hectares plantados — 55% superior à área plantada em 2022. Há dois anos, conforme o IBGE, entre os municípios da região, somente Tupanciretã estava entre as maiores lavouras de canola no Estado.

De acordo com o diretor técnico da Emater, Claudinei Baldissera, a canola apresenta incremento de área em virtude da sua liquidez e do alto fomento da indústria. É o caso da 3tentos, que investe para, no Norte do

Estado, ter a primeira indústria “flex” de biocombustível, com produção tanto a partir da soja quanto da canola. E para isso, tem investido em pesquisa e incentivo à produção no Centro do RS e na Metade Sul.

“A nossa prioridade sempre esteve em oferecer o melhor para o crescimento dos nossos clientes, que são os produtores rurais. Por isso, a nossa aposta na canola, que tem o dobro da capacidade de geração de óleo por grão em relação à soja, em uma nova cultura de inverno para o Rio Grande do Sul. Todo o restante do Brasil tem uma segunda safra forte, no RS, enquanto plantamos 9 milhões de hectares no verão, no inverno, não chegamos a cobrir nem 3 milhões de hectares. São 6 milhões de hectares de potencial, ainda com a possibilidade, pela rotação de culturas, de fortalecer a cultura do trigo também no inverno”, diz o CEO da 3tentos, João Marcelo Dumoncel.